



O jornalismo na era da sociedade da informação, da convergência
tecnológica e da segmentação editorial: algumas observações

Francisco José Castilhos Karam

Universidade Federal de Santa Catarina

Bolsista de pós-doutoramento da Capes junto à Universidad Nacional de
Quilmes (Argentina)

Resumo

O trabalho discute algumas questões teóricas, técnicas e éticas que envolvem o Jornalismo no processo de convergência tecnológica e no novo cenário da profissão dentro da sociedade da informação, em que as rotinas profissionais se modificam e a informação jornalística concorre, em escala massiva, planetária, pública e imediata - em períodos cada vez mais curtos - com informações de outro tipo. Envolve, ainda, estudos sobre a tendência internacional de segmentação editorial diante do ritmo social contemporâneo e do volume de fatos e versões que circula imediatamente no planeta. Para desenvolver o tema, o autor realiza pesquisa de pós-doutoramento junto à Universidade Nacional de Quilmes, com a colaboração, na Argentina, do prof. Dr. Martín Becerra.



Palavras-chave: sociedade da informação; convergência tecnológica, jornalismo; segmentação; diversidade.

Resumen

El trabajo investiga algunas cuestiones teóricas, técnicas y éticas que involucran el periodismo en el proceso de convergencia tecnológica y en el nuevo escenario de la profesión en el interior de la llamada sociedad de la información, en la cual las rutinas profesionales cambian y la información periodística disputa, en escala masiva, planetaria, pública e inmediata – en períodos cada vez mas cortos – con informaciones de otro tipo. Incluye, aún, estudios acerca de la tendencia internacional de segmentación editorial delante el ritmo social actual y el volumen de hechos y versiones que circulan inmediatamente en el planeta. Para desarrollar el tema, el autor hace investigación posdoctoral en la Universidad Nacional de Quilmes, con la colaboración, en Argentina, del prof. Dr. Martín Becerra.

Palabras llave: sociedad de la información; convergencia tecnológica; periodismo; segmentación; diversidad.



Este trabalho sintetiza alguns aspectos que estão em desenvolvimento em estágio-pós-doutoral junto à Universidade Nacional de Quilmes (Argentina), com a colaboração do prof. Dr. Martín Becerra.

Na chamada *convergência tecnológica*, a Rede Mundial de Computadores (Internet) pode incorporar todos os meios até hoje – jornal, revista, rádio, tevê, cinema, imagem fotográfica, imagem em movimento. A mediação generalizada se generaliza mais ainda. No entanto, a identidade profissional, as referências históricas, a legitimidade jornalística ancorada no direito social à informação mediante critérios democráticos e de noticiabilidade podem mudar, substancialmente, à primeira vista, com a convergência tecnológica e com a chamada sociedade da informação?

Conforme Wolton, “a circulação crescente da informação requer a preservação das *referências* para que os cidadãos conservem uma geografia intelectual e cultural que lhes permita situar-se em um mundo aberto. Distinguir quem fala, com *quem fala*, com *qual legitimidade*, para fazer o *quê*”¹. E prossegue: “Com efeito, na sociedade aberta, tudo é visível, tudo circula, todos os argumentos, todas as visões do mundo são possíveis, mas é preciso que o cidadão, o indivíduo, compreenda e saiba *de onde falam* uns e os outros, a partir de qual competência e para qual visão de mundo”².

Para Becerra, as idéias-força que regem a chamada Sociedade da Informação amparam-se na desregulamentação, na liberalização e na competitividade internacional. A efetividade destas idéias, no concreto, aponta ele, configura-se nos processos de convergência tecnológica (2003: 76), os quais estão assentados

“en la homogeneización de los soportes, productos, lógicas de emisión y consumo de las industrias info-comunicacionales, además de la (...) prensa escrita y edición. En los hechos, los grupos y plataformas multimedia suponen la posibilidad de imbricación de tecnologías, culturas y tradiciones de producción y procesamiento informativo, y distribución de las diferentes actividades info-comunicacionales”³

Na sociedade da informação e com a convergência tecnológica que abrange o jornalismo, redobra-se, a meu ver, a importância do fazer jornalístico, resultado de uma teoria e de uma ética aplicada ao exercício profissional, com seus valores, métodos e

¹ WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a Comunicação*. São Paulo, Paulus, 2006, p. 39.

² Idem, op. cit., p. 41.

³ BECERRA, Martín. *Sociedad de la Información: proyecto, convergencia, divergencia*. Buenos Aires: Norma, 2003, p. 91.



técnicas. Hoje, tal perspectiva parece estar sob suspeita. E com bastante argumentos razoáveis. Se a informação pode ser obtida por diferentes formas e por distintos protagonistas e fontes e em circuitos que passam à margem do processo tradicional jornalístico, haveria sentido, ainda, durante o século 21, falar em jornalismo profissional, com seus traços distintivos?

Por isso, junto com o processo de democratização da comunicação e da informação, torna-se necessário o envolvimento de profissionais da área e de acadêmicos com tais perspectivas. Diferentes pesquisadores, brasileiros e argentinos, para tomarmos duas referências de nacionalidade, vêm estudando tais aspectos e, sobretudo, situando novos cenários de trabalho diante da Sociedade da Informação ou Sociedade da Informação e do Conhecimento (ver, p. ex., CROVI DRUETTA: 2004).

Observando-se o volume de dados disponíveis imediatamente, parece-me importante que os princípios de ordem estética, técnica e ética sejam referências para dar inteligibilidade e organização imediata à produção de distintas áreas, mediante critérios profissionais, isto é, consolidados pelas diferentes profissões do campo da mídia. Tais conhecimentos e informações poderão ser disseminados, certamente, por variados suportes tecnológicos, seja rádio, tevê, jornal, revista, internet, foto... E, por imbricados que estejam, para o autor deste trabalho há uma distinção cujos traços éticos e técnicos justificam um fazer profissional, do tipo jornalístico, ancorado em uma teoria da área, ainda que concorrendo com informações de qualquer outro tipo. Mas não se pode, evidentemente, passar ao largo das mudanças verificadas hoje.

A profissão jornalística, dentro da sociedade da informação e no processo de convergência tecnológica dentro da Pólis como espaço público de discussão do entorno imediato e de suas conseqüências planetárias, reforça, a meu ver, a necessidade de defesa de valores como credibilidade e interesse público; exige a disseminação de mensagens precisas, claras e contextualizadas por quaisquer suportes tecnológicos; e requer envolvimento com as novas rotinas profissionais decorrentes do volume de informações, do ritmo social e das demandas específicas informacionais por parte de cada segmento social.

Parece-me necessário situar a potencialidade e os limites do exercício profissional mas, ao mesmo tempo, mostrar as mudanças que a multimídia e as novas tecnologias em geral apontam para a área, para a nova mediação social da realidade que os profissionais terão como desafio fazer e os limites que se avizinham e aumentam. O



novo cenário, já em processo de mutação e consolidação, ancora-se em: a) a chamada *sociedade da informação*, com, potencialmente, todos enviando e recebendo mensagens; b) a *convergência tecnológica no jornalismo*, com as informações do tipo jornalística circulando pela rede mundial de computadores na mesma velocidade e imediatividade com que ocorrem os fenômenos sociais, incorporando jornal, revista, televisão, fotografia, rádio, jornalismo digital com suas especificidades, planejamento gráfico e assim por diante; c) a *deficiência informacional específica*, gerando demandas informativas vinculadas à necessidade de dados, versões, interpretações de mundos, em setores que não podem ser contemplados, na dimensão do surgimento de fatos e versões, por qualquer mídia em geral, fortalecendo a necessidade de segmentação editorial, diversidade temática e de fontes, de propriedade e de narrativas.

Tal processo se dá, cada vez mais, dentro de sistemas de comunicação globais ou regionais, também cada vez mais complexos e, simultaneamente, com vertentes que apontam para a especialização temática e lingüística, segmentação de veículos e de público, variação geográfica e cultural. Simultaneamente, as barreiras tecnológicas são cada vez mais fáceis de serem ultrapassadas por distintos segmentos sociais ou indivíduos, que podem transmitir e receber quaisquer tipos de informações, seja por meio do uso da palavra ou da imagem. “Inclusão digital” passou a ser um lema que acompanha governos e organizações não governamentais, empresas e sindicatos de trabalhadores, seja para aquecer um mercado potencialmente esperançoso, em termos financeiros, seja para propiciar a emancipação tecnológica e de conhecimento, capaz de integrar os cidadãos em uma nova esfera pública, com maior liberdade de escolha.

Mas o novo cenário da comunicação global significa, necessariamente, mais liberdade e mais capacidade de escolha, isto é, mais cidadania? Lembro Robin Mansell, presidente da IAMCR⁴: “Há claramente alguns benefícios em potencial da atual sociedade da informação que dão oportunidade ao diálogo mais aberto, à aprendizagem, etc. Mas eu não creio que essa evolução vá necessariamente nos conduzir para a solução da exclusão social. A exclusão social não é criada simplesmente por uma ausência de informação ou pela falta de acesso a determinadas tecnologias. Suas raízes estão na formação socioeconômica das sociedades.”⁵

⁴ International Association for Media and Communication Research.

⁵ A colaboração dos pesquisadores em Comunicação nos debates da dita “Sociedade da Informação” (Diálogos midiológicos 13). Entrevista de Robin Mansell a Edgar Rebouças. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 29, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 163.



Cabe-me aqui, neste momento, situar o detalhado trabalho desenvolvido por Mastrini e Becerra, em seu livro “Periodistas y Magnates”⁶, com a colaboração de vários especialistas da América Latina, apontando dados sobre a concentração midiática e sua relação com a economia latino-americana e as políticas econômicas que afetam as próprias políticas de comunicação em geral, gerando dificuldade de acesso e exclusão social aos processos de informação e de conhecimento. Parece-me, aqui, haver um paradoxo, o de que tecnologicamente as condições estão postas, mas socialmente a maior parte das populações não desfruta, ainda, de condições de acesso, de decodificação e de intervenção.

Com as novas tecnologias e seu desdobramento na atividade profissional de quem atua no campo da comunicação e da cultura, e com a circulação da informação jornalística, ao lado, cada vez mais, de produtos comerciais e de serviços, crescem estudos críticos sobre as possibilidades e limites técnicos, políticos, econômicos e ideológicos da atividade informativa e das tendências contemporâneas. Junto com as perspectivas otimistas apontadas, surgem dúvidas em relação aos beneficiários do novo cenário (BECERRA: 2003; BECERRA y MASTRINI: 2006; MARTÍNEZ ALBERTOS: 1997; MORAES: 1998; ROMANO: 1998; TCHERKASKI: 2005).

Em diversos países há preocupação histórica com a concentração de poderosos veículos de comunicação nas mãos de cada vez menos proprietários, que detêm meios como jornais,

revistas, emissoras de rádio e televisão. Hoje, estas grandes empresas voltam seus olhos também para a mídia digital, para a multimídia como um todo, veiculando novos produtos para novos mercados e novos públicos, usando, seguidamente, a bandeira da democratização e do acesso mais imediato às informações e ao conhecimento. A preocupação com a concentração da mídia no Brasil, em particular, e na América Latina, em geral, tem correspondência no plano internacional. Existe grande preocupação, especialmente entre os profissionais que trabalham com a informação jornalística, com a crescente parceria entre empresas de comunicação e outras pertencentes a distintos ramos de produção, como o setor bancário, agropecuário ou imobiliário. Esta situação não é nova. Com isso, forma-se um círculo nacional e

⁶ MASTRINI, Guillermo y BECERRA, Martín. *Periodistas y Magnates: estructura y concentración de las industrias culturales en América Latina*. Buenos Aires: Prometeo / Instituto Prensa y Sociedad, 2006.



internacional de certa forma vicioso, onde os interesses empresariais da comunicação confundem-se com os dos outros ramos da produção, do saber e do poder.

O Jornalismo

Especialmente no jornalismo, a divisão social do trabalho, nos últimos 150 anos, fez surgir um conjunto de funções profissionais, de aperfeiçoamento da linguagem, de princípios ético-deontológicos, de apresentação estética dos produtos midiáticos informativos que acompanharam, de um lado, a ampliação dos sistemas de transportes e, com eles, os de comunicação, que carregam, também, os bens simbólicos; e de outro, a necessidade de, em uma sociedade cada vez mais inter-relacionada, conhecer o entorno de forma imediata, em escala planetária e massiva, de forma pública, em períodos cada vez mais reduzidos. Tal necessidade vem acompanhando o próprio volume de conhecimento e de produção de fatos, de acontecimentos, e de versões e interpretações sobre eles.

Tornou-se cada vez mais importante a dedicação em buscar informações, registrar e investigar fatos, ouvir diferentes atores sociais sobre distintas e infinitas produções de conhecimento e de poder que os embalam. Assim, coloca-se idealmente, à disposição do público, determinados acontecimentos que terão relevância na vida das pessoas e que precisam, de forma diversificada, plural e precisa, estarem no dia-a-dia delas, para que possam exercer de forma mais consciente e clara a liberdade de escolha e ampliar o seu presente imediato.

Tal liberdade, que acompanha o crescimento e a implementação dos direitos civis, está ancorada em momentos marcantes da história da humanidade, quando algumas expressões como *cidadania*, *direitos*, *igualdade*, *liberdade* ganham dimensão social mais intensa. É o caso, por exemplo, da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, proclamada pela Assembléia francesa de 28 de agosto de 1789, no rastro da própria Revolução Francesa; da Declaração de Independência dos Estados Unidos de 1776 (Declaração do Bom Povo da Virgínia, de 12 de junho de 1776); dos escritos de Mirabeau e de John Milton sobre a liberdade de imprensa; e, mais modernamente, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e do Convênio Europeu para a



Proteção dos Direitos Humanos e Fundamentais, de 1950 (BEL y CORREDOIRA: 2003; CARETTI: 1994; KARAM: 1997; MOLINERO: 1989).

Mas a história do conflito entre dar a conhecer ao público e cercear o conhecimento, ou coagi-lo por meio de dispositivos regulatórios institucionais remonta à própria Grécia Antiga e, de lá para cá, não cessou de existir a luta entre direito à informação, ainda que a do tipo jornalística fosse algo distante, e o cerceamento de tal liberdade e direito (FARÍAS GARCIA: 1988; MATTOS: 2005).

Após a Revolução Francesa e a Independência Americana, e com o desenvolvimento dos meios de transportes e a intensificação da circulação também de bens simbólicos, a informação mediada por profissionais que se dedicavam a isso em tempo integral também aumentou. O jornal e, posteriormente, os novos meios de comunicação incorporaram o direito à informação e a liberdade de imprensa como um valor fundamental de seu produto final. Mas também os meios de comunicação de massa transformaram-se, gradativamente, em negócios com interesses em novos produtos vendidos por meios de si próprios, vinculados à própria expansão do capitalismo. Os valores profissionais chocavam-se, não raras vezes, com a própria lógica de funcionamento empresarial do jornalismo. Com isso, ampliou-se o debate sobre questões éticas, que acompanhou a profissionalização da informação jornalística, a ponto de crescer, simultaneamente, os códigos deontológicos, resultado de debates sobre os limites da atuação do profissional e os direitos de atuação em nome de um fazer e do próprio público a saber (BONETE PERALES: 1995; KUCINSKI: 2005; RESTREPO: 2004; VILLANUEVA: 1996).

A profissão, hoje, passa por modificações estruturais. Com o acesso mais rápido e fácil às modernas tecnologias, também é mais imediato o próprio acesso às informações produzidas por quaisquer pessoas, dos grandes meios televisivos aos blogs pessoais. No entanto, há um fazer que pode e deve se distinguir por critérios jornalísticos consolidados, ao tratar de assuntos periódicos - em períodos cada vez mais curtos -, com critérios de noticiabilidade, com princípios éticos e estéticos. Traduzidos operacionalmente, permitem o acesso, com base na credibilidade, a fatos e versões de nosso tempo, expressos por linguagem específica, ética procedimental em vários momentos e compromisso diário com seu fazer, o jornalístico, de forma que se possa falar em profissional do jornalismo, em seus diversos gêneros e especializações (CORNU: 1999; GOMIS: 1991; KARAM: 2004; PAVLIK: 2005). Na *sociedade da informação*, e diante da *convergência tecnológica*, haveria um traço distintivo na profissão jornalística capaz de mantê-la como referência socialmente legitimada?

Há autores que estudam um novo cenário e o papel epistemológico e social do jornalismo, apostando ainda em uma forma que, apesar dos novos desafios, consagrou-se mediante alguns fatores históricos, como os já sintetizados antes. Lembro, por exemplo, Fontcuberta, que aponta quatro dimensões para o jornalismo do século 21: como dimensão socializadora; como espaço de cidadania; como agente educativo; e como protagonista do ócio⁷.

Dentro das sociedades complexas, o jornalismo teria ainda um papel de, para tomar a expressão de Borrat, ser um “narrador em interação”, fazendo o enlace social e sendo representante de diversas esferas do espaço público (2006: pp. 157-183), tarefa desafiadora ainda mais na Sociedade da Informação e diante da Convergência Tecnológica. Neste aspecto, os elementos históricos do jornalismo atuam em novo cenário, mas mantêm suas características essenciais.

O novo cenário, no entanto, permitiria um certo descarte dos meios tradicionais de produção e processamento da informação do tipo jornalística? Vários autores, e com alguma razão, prevêem um cenário bastante distinto. Alguns autores chegam

⁷ FONTCUBERTA, Mar de e BORRAT, Héctor. *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*. Buenos Aires: La Crujía, 2006, pp. 19-29.



a falar no fim do jornalismo ou em sua substituição por novas formas de confecção informativa e de interpretação da realidade. Em tal direção aponta um grupo de jornalistas que, situados na Cooperativa Lavaca, com sede em Buenos Aires, mostra um conjunto de experiências fora da grande mídia, descritas no livro “El fin del periodismo y otras buenas noticias”⁸, destacando novos meios sociais de comunicação que substituem, com vantagens políticas e ampla diversidade cultural e de fontes, os meios tradicionais, sem os limites operativos de ordem política, econômica e mercadológica destes, principalmente dos macro-grupos que atuam *sobre ase dentro das grandes corporações midiáticas*, além de serem, incontáveis vezes, sócios ou acionistas majoritários delas.

A profissão jornalística atua por meio de rádio, tevê, internet, imagem fotográfica, sítios digitais, jornais e revistas. Profissionais trabalham como empregados e como pessoas jurídicas; como trabalhadores temporários e como prestadores de consultoria. Nenhuma destas novas vertentes profissionais, parece-me, deve eximir qualquer profissional de determinados princípios, porque seu fazer se reflete no conjunto de pessoas a quem se dirige e que tem, nele, uma mediação e, em alguns casos, uma bússola para seguir adiante nos processos de escolhas sobre o cotidiano e o presente imediato, objeto central do jornalismo.

Os princípios profissionais, defendidos ao longo do século 20, reafirmam-se como valor moral, mas, ao mesmo tempo, sofrem determinadas coerções, de ordem política, econômica e cultural. Hoje, os conglomerados midiáticos, a mídia cruzada e as megafusões empresariais levam empresas que produzem jornalismo a considerarem tal produção apenas uma das tantas existentes em seus negócios, embora reafirmem, em seus códigos ético-deontológicos, princípios e valores inalienáveis, como verossimilhança, interesse público, isenção, pluralidade, respeito à privacidade, independência, credibilidade, exatidão. Tais princípios encontram-se, portanto, nos documentos ético-deontológicos produzidos por profissionais e por empresários da área jornalística. A especificidade dos procedimentos éticos são objeto, hoje, de vários e crescentes estudos na área jornalística. O marco ético e a relação entre cidadania e jornalismo são referidos em vários trabalhos (entre eles, ALSIUS: 1998; BERNIER: 2004; BONETE PERALES: 1995; BUCCI: 2002; CORNU: 1999; KARAM: 1997 e 2004; KUCINSKI: 2005; VILLANUEVA: 1996). Em tais trabalhos, há tentativas de definição de contornos morais na atividade profissional jornalística e a necessidade de estabelecer princípios procedimentais éticos no exercício cotidiano da profissão, incluindo o novo cenário ciberjornalístico.

A base moral da ética jornalística encontra na configuração teórica da atividade os alicerces, os fundamentos epistemológicos da legitimidade profissional. A necessidade de configurar um entorno social mediado, compartilhado socialmente, é objeto de vários e crescentes estudos, no Brasil e exterior. A teoria do Jornalismo, dentro do campo da Comunicação, tem merecido meticolosas análises, investigações e recuperações históricas e de autores (entre elas as de GENRO FILHO: 1987; GOMIS: 1991; LAGE: 2001 E 2005; BERGER e MAROCCO: 2006; MELO: 2006). Isso nos leva ao campo das escolhas possíveis diante do presente oferecido pelo jornalismo, resultado do ritmo e regularidade sociais, e as possibilidades de novas escolhas, resultado da deficiência de informação sobre mundos pouco tratados, versões pouco aceitas, espaços pequenos. Reconhece-se que o exercício jornalístico está vinculado ao *continuum* social, é resultado de valores profissionais afirmados ao longo da história; é o reconhecimento dos conceitos, que expressam palavras e mundo concreto, legitimado também pela linguagem.

A culminação teórica e ética, ainda que provisória, ocorre na produção técnica, estipulando-se procedimentos que determinam a qualidade final da realização profissional, embalada pelas narrativas próprias, pelos elementos da notícia, pelos métodos de investigação, pela estrutura do texto, pelo processo de edição. O marco técnico se renova no início do século 21, e parece reafirmar tanto princípios

⁸ Cooperativa de Trabajo Lavaca. *El fin del periodismo y otras buenas noticias*. Buenos Aires: Lavaca, 2006.



jornalísticos, resultado da afirmação teórica e ética da atividade ao longo de sua história quanto dos novos desdobramentos operativos da profissão jornalística exigidos pelo novo cenário global.

O ritmo social contemporâneo, não necessariamente criado pela informação e pelo conhecimento, mas que neles se reflete, gera significativa variedade de campos de produção de saberes. Surge então, parece-me, como necessidade técnica e moral, a segmentação de meios de informação que tratem de mundos que, embora conectados, movem-se por meio de especificidades. A informação segmentada contribui para o conhecimento mais amplo das particularidades sociais e amplia, pelo menos como possibilidade, o presente social. E pode, sobretudo, fazer a ponte entre a especificidade de uma área com o todo social.

A segmentação e diversidade favorecem a multiplicidade do presente, envolto por distintas áreas com deficiência informacional e de conhecimento. Favorecem e criam ambiente propício para versões não visíveis na mídia tradicional, para fontes pouco ouvidas, para interpretações mais contextualizadas. São informações e relatos sobre o conhecimento e sobre a cultura produzidos no âmbito das assembleias legislativas, das câmaras municipais, das assessorias de imprensa, das tevês e rádios públicas e universitárias; das agências noticiosas de ONGs e de universidades; dos governos municipais, estaduais e federal; do chamado terceiro setor; de sistemas públicos midiáticos como é o caso da TV Senado, TV Câmara, TV Justiça. Eles devem existir não para fazer a apologia de tais áreas, mas para disseminar e debater o conhecimento e a informação produzida por um mundo plural que atua e que repercute internamente, em tais setores, o próprio movimento contraditório das ruas, que culmina em acontecimentos e em versões diferenciadas e, seguidamente, em suas representações institucionais. O surgimento de novas mídias e sua profissionalização em segmentos de áreas das Ciências Humanas, das Ciências da Saúde, das Ciências Exatas e das Ciências Sociais Aplicadas talvez reforce tal perspectiva.

Com a produção inesgotável de conhecimento, de informação, de cultura, em versões que se autoproduzem e renovam-se diariamente, renova-se também a relevância do profissionalismo na mediação e no trabalho que vai da apuração à edição do conjunto enciclopédico produzido pela humanidade. E que deve ser colocado imediatamente à disposição do público. Esta perspectiva não invalida o conjunto dos outros processos informativos e comunicacionais, mas deve, a meu ver, manter um traço distintivo em relação a eles.



Certamente há deficiência informacional, de conhecimento e de cultura em qualquer mídia e em qualquer suporte tecnológico – dado o ritmo social e a produção de informação e de conhecimento contemporâneo, de fatos imediatos e de versões e opiniões sobre eles. Com o surgimento da TV digital, renova-se tal necessidade. Assim, governos estaduais e municipais, universidades e centros de ensino superior, secretarias de estado e órgãos derivados do executivo; organismos federais de base estadual; organismos de categorias profissionais e empresariais; parlamentos estaduais e municipais; pequenos e médios veículos regionais têm, na realidade diária, elementos para a busca de conhecimento, que vai da produção agrícola ao problema do latifúndio; da expansão e complexidade urbana aos novos comportamentos sociais; das descobertas científicas ao uso de medicamentos; da produção teatral e cinematográfica aos campeonatos futebolísticos de bairro; dos índices de saúde aos índices de emprego e desemprego e suas conseqüências... O ambiente da *sociedade da informação* e da *convergência tecnológica* favorece, paradoxalmente, na era da concentração midiática, tais perspectivas. A segmentação pode, salutarmente, envolver produções imediatas jornalísticas de entidades de distintas áreas, como ressaltai. Enfim, há um universo que se mexe e que mexe com o desdobramento imediato da realidade e que permite uma participação mais intensa e controversa e, com isso, alimenta as bases da própria democracia social.

O trabalho com o prof. Dr. Martín Becerra (docente junto à Universidade Nacional de Quilmes e à Universidade de Buenos Aires), doutor pela Universidade Autônoma de Barcelona e especialista na área da Sociedade da Informação, vem ajudando significativamente a elucidar, com mais propriedade, mais profundidade e mais complexidade, o novo cenário internacional da Comunicação, onde, a meu ver, a informação do tipo jornalística deverá reforçar seus compromissos teóricos, éticos e técnicos com valores que se buscou consolidar ao longo do século 20.

A Argentina apresenta algumas similaridades com o Brasil nos aspectos sociais e culturais. Como outros países e no plano global internacional, passa por um processo de digitalização midiática da informação, do conhecimento e da cultura e tem agenda que envolve, cotidianamente, debates e decisões conjuntos de questões de ordem política e econômica. O impacto social do novo cenário da Comunicação ainda está indefinido e reforça a necessidade tanto de acompanhamento como de estudos mais minuciosos sobre o setor, incluindo as mudanças nas rotinas profissionais e a fundamentação teórica



e ética das atividades legitimadas socialmente, como as do jornalista. Mas também merecem estudos as mudanças que podem comprometer tal legitimidade.

O novo cenário da convergência tecnológica pode apontar, em contrapartida, para uma necessidade de diversidade de tecnologias, de temática, de propriedades, de fontes, de públicos. A necessidade de segmentação pode acompanhar a própria necessidade de estar envolvido com o seu entorno imediato e, ao mesmo tempo, com o entorno social do conjunto da humanidade, já que a globalização envolve fatos e decisões que, por remotas que ocorram, podem repercutir em quaisquer regiões do planeta. Tais aspectos vêm sendo estudados pelo colaborador argentino e contribuem com o presente trabalho, uma sintética abordagem de um tema que merece mais profundidade e detalhamento.

Bibliografia

ALSIUS, Salvador. *Ètica i Periodisme*. Barcelona: Pòrtic, 1998.

BECERRA, Martín. *Sociedad de la Información: proyecto, convergencia, divergencia*. Buenos Aires: Norma, 2003.

BECERRA, Martín y MASTRINI, Guillermo. *Periodistas y Magnates, primer informe sobre estructura y concentración de las industrias culturales en América Latina*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

BEL, Ignacio y CORREDOIRA, Loreto (Coord.). *Derecho de La Información*. Barcelona: Ariel, 2003.

BERGER, Christa e MAROCCO, Beatriz (Org.). *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias Sociais da Imprensa*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BERNIER, Marc-François. *Éthique et Deontologie du Journalisme*. Saint-Nicolas (Québec): Les Presses de l'Université Laval, 2004.

BONETE PERALES, Enrique (Coord.). *Éticas de la Información y Deontologías del Periodismo*. Madrid: Tecnos, 1995.

BORRAT, Héctor y FONTCUBERTA, Mar de. *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

BUCCI, Eugenio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARETTI, Paolo. *Diritto Pubblico dell'Informazione: stampa, radiotelevisione, teatro e cinema*. Bologna: il Mulino, 1994.



- Cooperativa de Trabajo Lavaca Ltd. *El fin del periodismo y otras buenas noticias*. Buenos Aires: Lavaca, 2006.
- CORNU, Daniel. *Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação*. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CROVI DRUETTA, Delia (Coord.). *Sociedad de la información y el conocimiento: entre lo falaz y lo posible*. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.
- GOMIS, Lorenzo. *Teoria del Periodismo: como se forma el presente*. Barcelona, Paidós, 1991.
- FARÍAS GARCÍA, Pedro. *Libertades Públicas e Información*. Madrid: Eudema, 1988.
- LAGE, Nilson. *Ideología e Técnica da Notícia*. 3ª. Edição. Florianópolis: Insular/Edufsc, 2001.
- LAGE, Nilson. *Teoria e Técnica do texto Jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- KARAM, Francisco José. *Jornalismo, Ética e Liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.
- KARAM, Francisco José. *A Ética Jornalística e o Interesse Público*. São Paulo: Summus, 2004.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo na Era Virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: Unesp/Fundação Perseu Abramo, 2005.
- MARTÍNEZ ALBERTOS, José L. *El Ocaso del Periodismo*. Barcelona, Cims, 1997.
- MATTOS, Sérgio. *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*. São Paulo: Paulus, 2005.
- MELO, José Marques de. *Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MOLINERO, César. *Teoria y Fuentes del Derecho de la Información*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1989.
- MORAES, Dênis de. *O planeta Mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo grande: Letra Livre, 1998.
- PAVLIK, John V. *El Periodismo y los Nuevos Medios de Comunicación*. Traducción de Óscar Fontrodona. Barcelona: Paidós, 2005.
- Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 29, n. 1, janeiro/junho 2006.



RESTREPO, Javier Darío. *El Zumbido y el Moscardón*. México: FCE/FNPI, 2004.

ROMANO, Vicente. *El tiempo y el espacio en la comunicación: la razón pervertida*. Hondarribia (Guipúzcoa): Hiru, 1998.

TCHERKASKI, Osvaldo et alli. *Información: ¿ Se puede saber lo que se pasa?* Buenos Aires: Norma, 2005.

VILLANUEVA, Ernesto. *Códigos Europeos de Ética Periodística: un análisis comparativo*. Cidade do México: Fundación Manuel Buendía/Generalitat de Catalunya, 1996.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a Comunicação*. Tradução de Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.